

# DOS VAPORES DE BACO AOS ENCANTOS DE SOFIA: REFAZENDO O CAMINHO DOS PRIMEIROS APOLOGISTAS CRISTÃOS

## FROM THE VAPORS OF BACO TO CHARMS OF SOFIA: REFRESHING THE WAY OF THE FIRST CHRISTIAN APOLOGISTS

*José da Cruz Lopes Marques\**

**RESUMO:** O presente texto tem por finalidade apresentar, de modo introdutório, o contexto histórico que marcou a obra dos primeiros apologistas cristãos. Trata-se de uma breve reconstrução dos cenários religioso, moral e filosófico indispensáveis ao entendimento correto das obras produzidas pelos primeiros defensores da fé cristã. O trabalho baseia-se, sobretudo, nos principais escritos desses apologistas que chegaram aos nossos dias.

**Palavras-chave:** Apologia; Patrística; Cristianismo antigo; Pensamento cristão.

**ABSTRACT:** The purpose of this text is to present, in an introductory way, the historical context that marked the work of the first Christian apologists. It is a brief reconstruction of the religious, moral and philosophical scenarios indispensable for the correct understanding of the works produced by the first defenders of the Christian faith. The work is based, above all, on the main writings of these apologists who have come to our day.

**KAYWORDS:** Apologia; Patristic; Ancient Christianity; Christian thinking.

### Introdução

Não há como negar que as apologias se constituem em um importante legado da literatura cristã antiga. Contudo, as obras apologéticas não devem ser encaradas apenas como belas peças da literatura nos primeiros anos da Igreja. Na verdade, nestes escritos encontramos verdadeiras batalhas travadas em defesa do Cristianismo, os apologistas não apenas escrevem, enfrentam os ataques acirrados dos críticos da fé. Por esta razão, o estudo e compreensão do contexto histórico em que viveram os apologistas é de importância capital para a compreensão adequada de suas obras. Dito de outro modo, para que o estudante possa perceber a intensidade e ardor com que eles defenderam a fé cristã, antes é necessário entender contra quem e em que situações eles atuaram. Desse modo, antes de penetrar no conteúdo das apologias é necessário penetrar nas razões que as motivaram, no cenário ideológico que as cercaram. Sem essa compreensão *a priori*, o discurso desses defensores da fé perderá completamente o seu impacto e não passará de mera disputa intelectual. Neste breve ensaio a tessitura histórica terá como viés os

---

\* Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor do Seminário Batista do Cariri e da Faculdade Batista do Cariri. Contato: markvani18@yahoo.com.br

aspectos religiosos, morais e filosóficos, além de uma tentativa de reconstrução do ambiente anticristão nos primórdios do Cristianismo.

## **1 Vocação apologética: a defesa da fé nos primórdios**

Quando se pensa na apologética cristã, costuma-se ligá-la automaticamente ao segundo século. Com este salto imediato ignora-se por completo o primeiro século, atitude altamente prejudicial   compreensão do pensamento cristão. Não há d vida que, quando se emprega o termo em acepção historicamente restrita, a conclusão será a de que os apologistas iniciaram a sua atividade a partir do segundo século. Todavia, uma análise mais criteriosa, não pode deixar de considerar que já no primeiro século alguns cristãos se ocupavam da defesa do Cristianismo. As controvérsias envolvendo a nova f  já estavam presentes nesse período e os líderes da Igreja já reagiam aos ataques dos críticos. Em outras palavras, desde a sua mais remota origem, os seguidores de Cristo foram alvo de ataques que visavam colocar em xeque a sua integridade doutrinária e moral. Essas reações contrárias estão plenamente de acordo não apenas com o contexto teológico-filosófico bastante eclético da época, mas, acima de tudo, com a reivindicação de exclusividade feita pela doutrina cristã. Afirmar que o Cristianismo era a doutrina verdadeira em um mar de doutrinas filosóficas e religiosas significava estar preparado para justificar tal exclusividade. Argumentar não apenas com a razão das palavras, mas, em alguns casos, com a razão da própria vida, oferecida resignadamente como autenticação da veracidade da doutrina professada. O cuidado com a defesa da fé já fica explícito nas palavras do apóstolo Pedro ao exortar aos leitores da sua epístola a estarem sempre preparados para responder a quem pedisse razão de sua fé (I Pe. 3:15).

Dentre os principais defensores da fé, no primeiro século, a figura de Paulo merece destaque. Este apóstolo defendeu o Cristianismo diante de vários ensinamentos errados que perturbavam a paz das igrejas em seus dias. Um dos primeiros embates paulinos foi com um grupo denominado judaizantes. O nome refere-se “ queles cristãos judeus que ensinavam que a Igreja cristã, incluindo seus segmentos gentios, deveriam observar os ritos [da lei judaica], a fim de obterem a salvação” (CHAMPLIN, 1991, p. 619). Esse grupo causou bastantes transtornos  s igrejas da Galícia e, muito provavelmente, foi a causa-mestra do primeiro Concílio em Jerusalém por volta do ano 50 d.C. O problema foi tão s rio, tão ameaçador para a unidade doutrinária da comunidade eclesiol tica que o apóstolo aos gentios teve que escrever uma carta  s igrejas da Galícia, combatendo em tom bastante ríspido o desvio doutrinário de seus filhos na fé, como pode ser visto no versículo seguinte: “  g latas insensatos! Quem vos fascinou a vós outros, ante cujos olhos foi Jesus Cristo exposto como crucificado. Quero apenas saber isto de vós: recebestes o Espírito pelas obras da lei ou pela pregação da fé?” (BÍBLIA, 2000, p. 259).

Outra doutrina combatida pelo apóstolo aos gentios foi uma forma distorcida de hedonismo proveniente de uma vertente do Epicurismo e que, nos dias de Paulo, assumira uma forma de extrema licenciosidade. Essa doutrina, provavelmente, t mbeo esteve presente na Galícia, o que justifica o combate paulino às obras da carne. Além da Galícia, o hedonismo foi bastante comum em Roma, em Corinto, em Éfeso e em Colossos. Nas cartas que escreveu a essas igrejas, Paulo combateu duramente essa atitude. Em Colossenses, por exemplo, a sua exortação   categórica: “Fazei, pois, morrer a vossa natureza terrena: prostituição, impureza, paixão lasciva, desejo maligno e a avareza, que   idolatria; por estas coisas é que vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência” (BÍBLIA, 2000, p. 278). Paulo confrontou ainda as doutrinas dos filósofos estoicos e

epicureus no seu famoso discurso no Areópago, em Atenas. Contra os filósofos do pórtico, Paulo combateu o panteísmo, o empirismo<sup>1</sup> e defendeu a realidade da encarnação do *Logos*. Em relação aos filósofos do jardim, combateu a ideia de um deus impessoal e reafirmou a imortalidade da alma, com ênfase na doutrina da ressurreição do corpo.

Outro grande defensor da fé durante o primeiro século, foi o apóstolo João. Em seus escritos este apóstolo defendeu arduamente o Cristianismo contra os ataques do Gnosticismo<sup>2</sup>. A principal forma de gnosticismo refutada pelo discípulo amado foi o chamado Docetismo, o qual defendia que “o corpo humano de Cristo não passava de um fantasma; que seus sofrimentos e morte eram meras aparências. Ou sofria e então não podia ser Deus; ou era verdadeiramente Deus e não podia sofrer. Ou tinha um corpo material e não podia ser bom; ou era bom e não podia ter um corpo material. (BETTENSON, 1983). Em sua primeira epístola, João ocupa-se da refutação do Docetismo. Logo no início de sua primeira epístola, ele evidencia o seu repúdio à doutrina gnóstica: “O que era desde o princípio, o que temos ouvido, o que temos visto com os nossos próprios olhos, o que contemplamos, e as nossas mãos apalparam, com respeito ao Verbo da vida” (BÍBLIA, 2000, p. 328).

Como pode ser observado, os primórdios da apologética cristã já podem ser encontrados nos primeiros anos da igreja. Já nos dias dos apóstolos, a luta em defesa da fé cristã é iniciada. Nesse sentido, o que homens como Aristides, Teófilo, Taciano, Justino e tanto outros apologistas patrísticos fizeram foi simplesmente dar prosseguimento a uma tradição já iniciada desde os dias do apóstolo Paulo, seguir a vocação a vocação apologética já esboçada no Novo Testamento.

## 2 Mitos, êxtases e mistérios: o cenário religioso

As manifestações religiosas dentro dos limites do império romano eram bastante diversas. Antes do contato com a cultura grega, os romanos tinham divindades próprias. Quirino era considerado o deus da guerra, Vesta a deusa do fogo, Jano era o porteiro dos céus e aquele que recebia as almas dos justos. Entretanto, a principal divindade era Saturno. Segundo o mito, após ter sido expulso do Olimpo por Zeus, essa divindade refugiara-se em Roma. Em sua homenagem era celebrada uma festa denominada *Saturnais*, considerada uma das principais comemorações do calendário romano. Durante a aludida cerimônia, segundo esclarece Thomas Bulfinch,

Todos os negócios públicos eram suspensos, as declarações de guerra e as execuções de criminosos adiadas, os amigos trocavam presentes e os escravos adquiriam liberdade momentânea: era-lhes oferecida uma festa na qual eles se sentavam à mesa, servidos por seus senhores. Isto se destinava a mostrar que, perante a natureza, todos os homens são iguais e que, no reino de Saturno, os bens da terra eram comuns a todos (BULFINCH, 1998, p. 16).

Depois do contato com a cultura grega, a religião romana foi significativamente alterada. Praticamente todas as divindades do panteão grego foram incorporadas, recebendo apenas uma designação romana. Zeus, por exemplo, passou a ser chamado Júpiter, Hera foi denominada Juno, Afrodite passou a ser adorada como Vênus, Apolo,

---

<sup>1</sup> Doutrina filosófica que afirma que todo o conhecimento é proveniente da experiência sensível. O uso do termo aqui não deve ser confundido com a escola empirista surgida na Inglaterra no final do século XVII.

<sup>2</sup> Alguns historiadores denominam o Gnosticismo que aparece no Novo Testamento de Proto-gnosticismo ou Gnosticismo incipiente, para diferenciá-lo do gnosticismo mais elaborado que aparece a partir do segundo século e que será combatido por Ireneu.

como Febo, Atenas, como Minerva, Poseidon como Netuno, etc. Em pouco tempo, esse passou a ser o culto oficial dos romanos e, conseqüentemente, de todo o império romano, mesmo que ainda houvesse relativa liberdade religiosa em relação aos outros cultos. Não só em Roma, como em cada cidade do império, havia templos consagrados às principais divindades romanas. Em Éfeso, por exemplo, de acordo com o testemunho lucano, havia uma estátua consagrada a Deusa Diana que, segundo a opinião comum, havia sido enviada por Zeus. Minúcio Felix, apologista cristão do início do terceiro século fala em seu *Octavius* de uma estátua de Serapis no caminho de Hóstia a quem seu amigo Cecílio beijou. Na verdade, um dos principais combates dos apologistas cristãos é exatamente em relação à religião greco-romana. Já na *Epístola a Diogneto* e na *Apologia* de Aristides, este combate está presente. Taciano dedicará dois capítulos de seu *Discurso contra os gregos* para refutar a escultura greco-romana. Teófilo, no segundo livro a Autólico, tece a seguinte crítica à idolatria greco-romana:

Com efeito, pare-me ridículo que cortadores de pedra, oleiros, pintores e fundidores modelem, pintem, esculpam, fundam e fabriquem deuses, os quais, enquanto estão nas mãos dos artífices, não são de maneira alguma apreciados. Contudo, quando alguém os compra e os expõe no que chamam de templo ou em alguma casa, então são adorados não somente por aqueles que os compraram, mas aqueles mesmos que os fabricaram e venderam ocorrem com grande fervor, com aparato de sacrifícios e libações para adorá-los, considerando-os deuses, sem levar em conta que continuam sendo as mesmas coisas por eles fabricadas (TEÓFILO, 1995, 229).

Além da religião oficial, outra manifestação religiosa bastante comum nos dias dos apologistas são as chamadas religiões de mistério. Este culto também era oriundo da Grécia e remontava aos chamados mistérios eleusianos<sup>3</sup>, dionisíacos<sup>4</sup>, afrodisíacos<sup>5</sup>, etc. Os cultos misteriosos ganharam em Roma uma popularidade assustadora. De fato, foi pensando nesses cultos que Petrônio declarou em seu *Satíricon* que “era mais difícil encontrar um homem em Roma do que um deus” (PETRÔNIO, 2001, 34). Esta opinião comprova que os cultos misteriosos eram inumeráveis. Os *bacanais*, versão romana dos mistérios dionisíacos, era a ocasião em que os iniciados extravasavam todos os seus impulsos, cometendo os maiores excessos. Em êxtase, por meio da chamada *loucura divina* e dominados pelo vinho, eles gritavam, falavam línguas estranhas, dançavam e se entregavam às mais intemperantes orgias. A orgia era, na verdade, a prova da possessão divina, do *entusiasmo*<sup>6</sup>. As mênades, sacerdotisas de Dionísio, conduziam a cerimônia orgiástica. Após este ato, “elas percorriam as montanhas em estado hipnótico, despedaçando com as próprias mãos animais selvagens e saciando a fome com sua carne crua” (ELÍADE; COULIANO, 1999, p. 164). De fato, tamanha foi a aceitação das religiões de mistério nas várias camadas da sociedade romana que elas acabaram se tornando uma questão de ordem pública. Para coibir os excessos que os iniciados cometiam nas cerimônias dos chamados ‘mistérios’ as autoridades romanas precisaram intervir com medidas rigorosas. O historiador Tito Lívio afirma que, “querendo o senado

<sup>3</sup> Este era o mais popular dos cultos misteriosos da Grécia Antiga. O culto girava em torno de Deméter, deusa da agricultura e da fertilidade, cuja filha Perséfone havia sido raptada por Hades e levada ao mundo dos mortos. Durante esse período, em suas peregrinações ao Hades para rever sua filha, Deméter deixara de cumprir a suas funções. O rito é na verdade uma súplica para que a deusa retorne as suas funções e garanta a fertilidade na terra.

<sup>4</sup> Culto dedicado a Dionísio, deus do vinho e da alegria.

<sup>5</sup> Culto dedicado à Afrodite, deusa do amor e da beleza.

<sup>6</sup> Em grego: εὐ+ θεος+ασμενος (Alegria pelo encantamento ou possessão divina).

extirpar de Roma as bacanais, decretou a pena de morte contra todos os que delas tomassem parte” (TITO LÍVIO *apud* COULANGES, 2002, p. 101). Os cultos misteriosos não eram populares apenas na capital do império. Em Corinto, por exemplo, o templo de Afrodite (Vênus) contava com mil prostitutas cultuais. Essas mulheres acolhiam e iniciavam os devotos na arte do amor. Conforme Minoru Matsumoto (2002), a prova concreta da comunhão com a divindade, como de costume, se transparecia no êxtase, no falar estranho e nas orgias. De fato, esses estranhos rituais foram tão populares que alguns grupos cristãos adotaram seus elementos. É o que pode ser constatado pelo testemunho de Eusébio:

Alguns deles preparam o leito nupcial e executam o mistério da iniciação com certas formas dirigidas ao iniciado. Isso, dizem, é o casamento espiritual que ocorre com eles, à forma e semelhança dos casamentos acima. Alguns os conduzem à água e, batizando-os, repetem essas palavras: “ao nome do Pai desconhecido do universo, à verdade mãe de todos, a Jesus, ao que desceu dele”. Outros, ainda, repetem nomes hebraicos na melhor ordem para confundir o iniciado (EUSÉBIO DE CESAREIA, 1999, p. 130).

### 3 A face mais sombria do hedonismo: padrões morais na Roma antiga

Quando se analisam os escritos cristãos desse período, percebe-se claramente que os padrões morais da sociedade romana não eram dos mais elevados. O testemunho mais antigo que se tem da conduta moral dessa sociedade é exatamente aquele que foi legado pelo apóstolo Paulo em sua *Epístola aos romanos*. Neste escrito, o apóstolo condena fortemente a imoralidade dos romanos. Embora a passagem seja bastante conhecida, é irresistível não citá-la textualmente:

Por causa disso, os entregou Deus a paixões infames, porque até as mulheres mudaram o uso natural de suas relações íntimas por outro, contrário à natureza; semelhantemente, os homens também, deixando o contato natural da mulher, se inflamaram mutuamente em sua sensualidade, cometendo torpeza, homens com homens, e recebendo, em si mesmos, a merecida punção do erro. E, por haverem desprezado o conhecimento de Deus, o próprio Deus os entregou a uma disposição mental reprovável, para praticarem coisas inconvenientes, cheios de toda injustiça, malícia, avareza e maldade; possuídos de inveja, homicídio, contenda, dolo, malignidade; sendo difamadores, caluniadores, aborrecidos de Deus, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobediente aos pais, insensatos, pérfidos, sem afeição natural e sem misericórdia (BÍBLIA, 2000, p. 208).

Aristides segue o mesmo pensamento inaugurado pelo apóstolo Paulo e critica a moralidade romana. Em sua *Apologia*, depois de falar sobre os atos imorais cometidos por cada uma das divindades gregas, o modo como elas deram vazão aos mais baixos e vis sentimentos, acrescenta “que homens, seguindo o exemplo de suas própria divindades, praticaram todo gênero de iniquidade, de impudência e impiedade, manchando o ar e a terra com suas horríveis ações” (ARISTIDES, 1954, p. 126). Convém acrescentar que, embora Aristides refira-se à religiosidade grega, a passagem é uma crítica direta à moralidade romana, uma vez que os romanos haviam incorporado o culto às principais divindades gregas, dando apenas nomes romanos para elas. Orígenes, em sua refutação ao filósofo romano Celso, também denuncia de forma bastante rigorosa a moralidade romana. Nas suas palavras, “os piores membros da igreja cristã são melhores do que os melhores membros da comunidade pagã” (ORÍGENES, 2007). Teófilo de Antioquia

inicia seus *Três livros a Autólico* em tom bastante confrontador. Autólico, a quem a obra é destinada, é colocado como um tipo de todos aqueles que adoram as falsas divindades greco-romanas, os quais são caracterizados por uma conduta moral bastante baixa. De fato, o bispo de Antioquia questiona ao seu amigo nos seguintes termos:

Mostra-te, pois a ti mesmo: se não és adúltero, se não és desonesto, se não és pervertido, se não és ladrão, se não és defraudador, se não te irritas, se não és invejoso, se não és arrogante, se não és soberbo, se não amas ao dinheiro, se não desobedece aos teus pais, se não vendes aos teus filhos (TEÓFILO, 1995, p. 216).

Taciano, no *Discurso contra os gregos*, também faz severas críticas à imoralidade dos costumes romanos. O teatro<sup>7</sup>, no seu entender era a expressão do engano, da licenciosidade e da superstição. Nem mesmo os espetáculos dos gladiadores são poupados pelo discípulo de Justino em sua crítica. É que se observa no trecho abaixo:

Vi também homens fatigados pelos exercícios e treinamentos, que levavam por toda a parte o peso de suas carnes. A estes se lhes propõem prêmios e coroas e os *agonontetas* ou organizadores de combates os incitam a competir não em prol de uma boa ação, mas por insolência e luta, sendo coroado o que melhor golpeia. O homem preeminente entre vós reúne o exército de assassinos e anuncia publicamente que vai alimentar uma tropa de bandidos; logo os bandidos mesmos saem de sua casa e todos correm ao espetáculo, primeiro para ser juízes das maldades dos *agonontetas*, e depois, dos gladiadores mesmos. E o que não pode assistir à matança, fica triste por não haver sido condenado a ser espectador de obras perversas e abomináveis (TACIANO, 1995, p. 91).

Como pode ser observado por esses poucos exemplos, o testemunho confirmando a baixa moralidade da sociedade romana é vasto. Alguns críticos, entretanto, poderiam objetar afirmando que o testemunho cristão é tendencioso, já que ele está traçando o perfil daqueles a quem a doutrina cristã fazia oposição. Para elucidar a questão, pode ser invocado o testemunho do próprio Petrônio. O registro desse escritor romano do primeiro século é bastante significativo em relação a este assunto. Petrônio é um escritor completamente desprovido de intenções moralistas. Ainda que seja dominado pela veia satírica, o seu romance é um retrato fiel dos padrões morais cultivados pela sociedade romana de seus dias. Não sem razão, o *Satíricon* é considerado por muitos o primeiro romance realista da literatura universal. Na verdade, segundo nos conta o historiador Tácito em seus *Anais*, o próprio Petrônio era um cortesão voluptuoso, dividido entre os deveres, a mesa e a cama das amantes. Em um trecho de sua obra, Petrônio afirma em tom bastante enfático:

Em abismos de prazer desmoronam-se os baluartes de Roma. Que pérola é inatingível, que fruto da Índia, pata ti, para que tua esposa, coberta de tesouros marinhos, possa meter-se barbaramente na cama de um estranho? De que serve a esmeralda, precioso vidro, para que brilham as gêmeas de Cartago, se a honestidade não refulge entre tais carbúnculos? Será direito uma noiva vestir-se em gazes leves como o vento, e depois vir nua a público, envolta em musselina? (PETRÔNIO, 2001, p. 68)

---

<sup>7</sup> O teatro romano não era uma simples simulação. Durante os espetáculos, os atores realizavam ao vivo cenas de nudez, sexo e violência. Por conta disso, os escritores cristãos desse período não consideravam as apresentações teatrais apropriadas para um cristão.

Falando sobre a cidade de Crotona, Encólpio, personagem principal do romance, constata que nesta cidade não se faz nenhum caso das belas letras. A eloquência foi banida, e os bons costumes não encontram ali nenhuma afeição e recompensa. Contudo, é durante um banquete na casa de uma personagem chamada Quartila que é encontrado um dos relatos mais absurdos e chocantes acerca da conduta moral da sociedade romana. Durante a cerimônia, Quartila chama a sua filha Panikis, que possui apenas sete anos de idade, segundo ela, para livrar-se do fardo de ser virgem. Diante de todos os convivas, a criança é entregue a Gitão para consumir o ato e a anfitriã incentiva a sua filha com as seguintes palavras:

E, porventura, era eu mais madura quando recebi pela primeira vez as carícias de um homem? Que eu morra se me lembrar de algum dia ter sido uma virgem! Quando era criança, os meninos de minha idade distraíam-me. Um pouquinho mais velha, já tinha homens como amantes. Foi assim que cheguei à idade que tenho hoje. Decerto, será essa a origem do provérbio: “Quem carrega um bezerro, aguenta um touro” (PETRÔNIO, 2001, p. 40).

Como pode ser comprovado por estes testemunhos, os padrões morais da sociedade romana eram bastante decadentes. De fato, como ficou demonstrado no tópico anterior, a própria religiosidade, em especial as religiões de mistério, contribuíam para a disseminação dessa moral intemperante. O historiador Michael Grant, falando sobre as *Bacanais*, culto misterioso amplamente praticado em Roma neste período, faz a seguinte observação: “o elemento extático tende a converter-se em mero hedonismo e os encontros são marcados pela satisfação alcoólica e sexual” (GRANT, 1979, 333). A relação entre os padrões morais e a religiosidade é feita por Teófilo no trecho a seguir:

São justamente os seus deuses os que eles anunciam ter praticado uniões desonestas e festins sacrílegos. Quem não canta Cronos como devorador de seus filhos? E Zeus seu filho, que devora Métis e prepara abomináveis convites para os deuses? Depois, nos contam de tal Efesto, coxo e ferreiro, que o serve à mesa; e de Hera, irmã de Zeus, que não só se casa com ele, mas também comete desonestidades com sua boca impura (TEÓFILO, 1995, p. 276).

Além disso, esses padrões morais recebiam o apoio de algumas correntes filosóficas, como é o caso do Epicurismo<sup>8</sup>. Esta doutrina foi muito popular em Roma nesse período e foi empregada para justificar todo tipo de orgia, imoralidade e perversão sexual. O princípio supremo da filosofia de Epicuro fora falsamente interpretado como os prazeres sexuais.

A análise dos padrões morais da sociedade romana é de importância fundamental para o estudo das apologias. Um dos cuidados centrais dos apologistas era descartar as falsas acusações em relação aos cristãos. Tais acusações colocavam em xeque a moralidade dos discípulos de Cristo. Na verdade, havia até rumores de que eles praticavam o incesto e se entregavam às orgias grupais. Desse modo, esse levantamento serve para demonstrar que o pretensível argumento de que os cristãos cultivavam baixos padrões morais era, de fato, uma desculpa para justificar a perseguição a esse grupo. De fato, esses desvios não causariam surpresa a uma sociedade cujos padrões morais não

---

<sup>8</sup> O epicurismo romano foi uma perversão do epicurismo original. Na verdade, o próprio Epicuro, temendo uma falsa interpretação do seu hedonismo, já havia afirmado: “Quando dizemos, então, que o prazer é o fim, não queremos referir-nos aos prazeres dos intemperantes ou aos produzidos pela sensualidade, como creem certos ignorantes, que se encontram em desacordo conosco ou não nos compreendem, mas ao prazer de nos acharmos livres de sofrimentos do corpo e de perturbações da alma”.

estavam entre os mais elevados. Ou, ainda que os relatos fossem verdadeiros, essa não era a causa-mestra da atitude hostil para com o Cristianismo. Tertuliano (2007) percebeu isso de forma bastante precisa ao afirmar em sua *Apologia* que os mesmos crimes dos quais eram acusados os cristãos injustamente, eram praticados à luz do dia pelos seus acusadores, e sem nenhuma punição da parte das autoridades.

#### **4 Entre a calúnia e a zombaria: o ambiente anticristão dos apologistas**

Como já foi ressaltado, a visão adequada do trabalho dos apologistas só é possível quando se consegue visualizar a moldura que o envolve. Sem a consideração desse contorno, a beleza das famosas apologias é diluída no todo da teologia cristã. Um item indispensável é certamente a reconstrução do ambiente hostil vivido pelos discípulos de Cristo nos primeiros séculos. Enquanto a nova fé estava restrita aos ambientes judaicos, as perseguições foram mais brandas e pontuais. Isto porque o Cristianismo ainda não era visto como uma ameaça considerável. Quando, porém, os cristãos se espalharam pelos locais mais distantes do império, a oposição por parte das autoridades romanas, tornou-se cada vez mais frequente e cruel. Foi este ambiente precisamente que motivou o trabalho dos apologistas. Cada apologia é, portanto, um grito do Cristianismo pela sobrevivência diante dos ataques aos quais era injustamente exposto. Para facilitar a abordagem, estes ataques serão divididos em duas categorias, a saber, as calúnias populares e os ataques oriundos de intelectuais.

Durante os três primeiros séculos, calúnias absurdas foram forjadas em relação à conduta moral dos cristãos. Não sem razão, Daniel Bueno (1954) denomina o segundo século de “o século da lenda negra anticristã”. Como já foi destacado, estas calúnias eram, na verdade, tentativas de justificar a perseguição aos cristãos. Isto não era novidade, de fato, este subterfúgio já vinha sendo empregado desde os dias do imperador Nero. Segundo relata o historiador romano Tácito, depois de colocar fogo em Roma, “Nero fez aparecer como culpados os cristãos, uma gente odiada por todos por suas abominações, e os castigou com mui refinada crueldade” TÁCITO apud MCDOWELL, WILSON, 1998, p. 55). Atenágoras, ao escrever a sua *Petição em favor dos cristãos*, afirma logo na introdução que o seu objetivo era refutar três falsas acusações que eram disseminadas em relação aos cristãos: o ateísmo, as relações incestuosas e o canibalismo. Como podem ser justificadas acusações tão absurdamente contrárias à doutrina de Cristo? Embora estes ataques pareçam estranhos aos olhos do cristão moderno, por meio de uma breve análise das circunstâncias históricas é possível perceber em que eles se fundamentavam. Sobre a acusação de ateísmo, deve ser considerado que o culto greco-romano era impregnado pelo seu elemento material. Em cada templo, havia uma representação física da divindade ali cultuada. Os cristãos, entretanto, adoravam uma divindade invisível, em seus locais de encontro não havia imagens ou estátuas do Deus por eles cultuado. Com isso, muitos passaram a divulgar que eles eram ateus. A segunda acusação era o boato espalhado pelo fato dos cristãos se chamarem de irmãos. A partir disso, começou a ser divulgado que, em suas reuniões secretas, eles se entregavam às orgias e praticavam incestos. Por meio do testemunho de Cecílio, personagem pagão do *Octavius* de Minúcio Félix, é possível ter uma ideia exata desse falso relato:

Tal liga de gente tem que ser totalmente arrancada pela raiz e execrada. São conhecidos entre si por meio de marcas e sinais ocultos, e se amam mutuamente, quase antes de se conhecerem. Em sua religião promíscua e desenfreada, usam o nome de irmãos e irmãs, a fim de que, a violação, que é



bastante frequente, seja convertida, pela interposição, desse nome sagrado, em incesto [...]. Em dia assinalado juntam-se para comer com todos seus filhos, irmãs e mães, homem de todo sexo e de toda idade. Ali, depois de bem fartos, quando os convidados entram no calor e no fervor da embriaguez e acesa a paixão incestuosa, lançam um pedaço de carne a um cão que têm ali atado a um candeeiro, mas além do alcance da corda, e assim fazem com que ele salte impetuosamente. Desse modo, derribado o candeeiro e apagada a luz, que poderia ser testemunha, entre impudicas trevas, unem-se ao azar da sorte com inexplicável torpeza MINÚCIO FÉLIX, 1954, p. 25, 26).

Em relação à terceira acusação, a prática do canibalismo, era baseada no fato de que os cristãos, durante a celebração da ceia, afirmavam que estavam comendo o corpo de Cristo. A partir disso, uma calúnia absurda passou a ser divulgada. Novamente, é mediante o testemunho de Cecílio que é possível conhecer a natureza dessa acusação:

Pois sobre a iniciação de seus neófitos corre um rumor altamente detestável. O que vai iniciá-los nestes ritos, coloca diante deles um menino pequeno, coberto com farinha, com o que se engana aos incautos, levado a descarregar uns golpes que, graças a superfície da farinha, tem por inofensivos, mata esta infeliz criança com cegas e ocultas feridas, e eles, que horror!, lambem avidamente o seu sangue e se repartem porfiando entre si por seus membros (MINÚCIO FELIX, 1954, p. 26).

Esta acusação é confirmada por Tertuliano em sua *Apologia*. Este pensador latino faz questão de ressaltar que esse era, na verdade, um pretense motivo encontrado para justificar a perseguição aos cristãos. De muitas outras calúnias, eram alvo os cristãos dos primeiros séculos. Para verificar esse fato basta uma breve leitura das *Atas dos mártires*. Na ata do martírio de Cipriano de Cartago, por exemplo, os cristãos são acusados de sacrilégio, já na ata referente ao martírio de Crispina, eles são acusados de praticar obstinada e indigna superstição, apenas para mencionar alguns exemplos. Segundo o testemunho de Celso, havia até quem acusasse os seguidores de Cristo de adorarem um peixe<sup>9</sup> e um leão. Estas calúnias, provavelmente, surgiram em virtude dos cristãos usarem o símbolo do peixe para se comunicarem durante as perseguições e pelo fato deles se referirem a Cristo como o “Leão da tribo de Judá”. Além disso, as gravuras de leão nas tumbas de alguns cristãos pareciam reforçar essa acusação. Às vezes, essas calúnias eram impregnadas por uma sátira mordaz. Um bom exemplo disso é a acusação de que os cristãos adoravam um homem com cara de asno. Este boato é comprovado por uma pintura da época denominada *Grafite do Palatino*, descoberta por Rafael Garucci. No centro da pintura, é mostrado um homem crucificado em uma cruz em formato de tau (T) grego. Ao lado do homem crucificado é encontrado outro homem em atitude reverência, como se estivesse a enviar-lhe um beijo, em uma atitude de adoração à maneira antiga. No outro lado, há um enunciado em grego que traduzido significa: “Alexámeno adora seu deus”. Com esse exemplo, é possível perceber o negro sarcasmo dos insultos feitos em relação aos cristãos.

Pelos exemplos enumerados acima, fica evidente que o objetivo das calúnias era ridicularizar a nova fé. Por outro lado, buscava-se com isso um elemento para justificar a perseguição aos discípulos de Cristo. A pretensão desses argumentos utilizados pelos

---

<sup>9</sup> Conforme nota Benjamim Scott em seu clássico *As catacumbas de Roma*, os cristãos empregavam como símbolo o desenho de um peixe com as iniciais gregas ΙΧΘΥΣ. Estas iniciais formam exatamente a palavra peixe, mas, no fundo queriam dizer Ιησους Χριστος, Υιος Θεου, Σωτηριος (Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador). Era uma espécie de identificação entre os cristãos.

adversários da fé é denunciada com bastante propriedade por Teófilo de Antioquia. O autor dos *Três livros a Autólico* esclarece que muitos filósofos haviam propalado os mesmos comportamentos desprezíveis dos quais eram acusados os cristãos, mas não haviam sido perseguidos por isso. Zenão, Diógenes e Cleantes haviam ensinado a antropofagia, Epicuro negara a existência dos deuses (TEÓFILO DE ANTIOQUIA, 1995). Até mesmo Platão, filósofo bastante estimado pelos romanos, pregara a união carnal entre irmãos<sup>10</sup>. Diante disso, a perseguição aos cristãos não podia ser racionalmente justificada.

As calúnias populares merecem destaque no contexto do Cristianismo patrístico. Elas foram diretamente responsáveis pelo derramamento do sangue de muitos mártires cristãos. Isso porque, o fim dessas acusações infundadas era quase sempre um motim popular que culminava na morte de muitos cristãos, sempre sob o pretexto de que aqueles que supostamente cometiam práticas tão abomináveis não eram dignos nem mesmo de viver. Sem dúvida, foi isso que levou Boissier a afirmar com bastante propriedade que “os inimigos mais temíveis do Cristianismo encontravam-se entre as fileiras do povo” (BOISSIER *apud* BUENO, 1954, p. 19). Esta opinião de Boissier encontra respaldo no testemunho de Eusébio. De fato, em sua *História eclesiástica*, falando sobre a perseguição aos cristãos, o historiador da Igreja faz a seguinte afirmação: “Depois de Nero e Domiciano, durante o império de Trajano, cujo tempo estamos agora examinando, é tradição que se moveu uma perseguição contra nós, parcialmente e por cidades, pelo tumulto das turbas” (EUSÉBIO DE CESAREIA, 1999, p. 234). Um bom exemplo que demonstra o perigo que os levantes populares representavam para os primeiros cristãos, pode ser visto no martírio de Policarpo. Na ata que relata o julgamento do bispo de Esmirna, há um trecho bastante esclarecedor:

Vendo isto, o populacho ficou surpreso em ver um ânimo tão varonil nos cristãos. Logo, todos gritaram: “que sejam castigados os ímpios e trazido Policarpo”! [...]. Todo o povo gentil de Esmirna, e com ele os judeus, exclamaram: “este é o doutor da Ásia, o pai dos cristãos, o que tem destruído nossos ídolos e violado nossos templos, o que proibia sacrificar e adorar aos deuses. Por fim encontrou o que com tantos desejos dizia que anelava”. E todos pediram a Filipe que se lançasse contra ele um leão furioso; mas Filipe negou-se, dizendo que os jogos haviam terminado. Então pediram a uma voz que Policarpo fosse queimado vivo. (MARTÍRIO DE SÃO POLICARPO, 2008, p. 150).

Uma segunda categoria de ataques ao Cristianismo nesse período está relacionada às classes intelectuais. Esses ataques visavam demonstrar a irracionalidade e absurdo da fé cristã. Dentro dessa categoria há dois grupos distintos: o daqueles que, mesmo não atacando diretamente o Cristianismo, demonstram uma visão bastante negativa dessa crença. Esta tendência pode ser encontrada, por exemplo, em Suetônio. Este historiador romano bastante invocado pelos teólogos cristãos para comprovar a historicidade de Cristo não nutria uma opinião positiva acerca do Cristianismo. Comentando o incidente relacionado ao incêndio de Roma ele se refere aos cristãos como pessoas adeptas de uma superstição nova e prejudicial (SUETÔNIO, 2002). Outro genuíno representante dessa tendência é o poeta satírico Luciano de Samosata. Na verdade, a veia satírica de Luciano não é dirigida apenas contra os seguidores de Cristo, mas contra várias religiões e sistemas filosóficos. Em relação aos cristãos, ele afirma que os mesmos são criaturas mal

<sup>10</sup> Ideia encontrada no livro V da República.

orientadas pelo fato de acreditarem que são imortais. Em um dos poucos fragmentos que foram preservados desse escritor romano, é possível comprovar a sua visão preconceituosa acerca do Cristianismo:

Antes de tudo, esses infelizes cristãos estão convencidos de que são imortais e de que viverão para sempre. Por isso, desprezam a morte, e muitos a enfrentam voluntariamente. Seu primeiro legislador os convenceu de que eram todos irmãos. A partir do momento em que renunciaram os deuses da Grécia, passaram a adorar seu sofista crucificado e amoldaram suas vidas aos seus preceitos. Eles também desprezam todos os bens, mantendo-os para uso comum [...]. Se entre eles aparecer um hábil impostor, que saiba se beneficiar da situação, este se enriquecerá rapidamente, pois poderá manipular como quiser essas pessoas que nada percebem (LUCIANO DE SAMOSATA, 2007).

O grupo, no entanto, que mais interessa a presente pesquisa é o daqueles que fizeram oposição direta a fé cristã, e há muitos representantes desse gênero. Por esta razão serão destacados aqui apenas os mais conhecidos. No *Octavius* de Minúcio Félix é encontrado Cecílio, um legítimo representante dessa tendência. Na referida obra, esse intelectual pagão de origem africana, lança um duro ataque contra a doutrina cristã. Logo no início de seu discurso, o adversário demonstra a sua visão negativa em relação aos cristãos:

Gente que formam uma conjuração sacrílega de homens ignorantes da última estirpe da plebe e mulheres crédulas, fáceis de enganar pela mesma fragilidade do seu sexo, que se ajuntam em noturnos esconderijos e se unem entre si por meio de banquetes solenes e comidas desumanas, antes por um sacrilégio do que por um sacrifício<sup>11</sup>. Desprezam como sepulcros nossos templos, olham com horror para nossos deuses e zombam de nosso culto (MINÚCIO FÉLIX, 1954, p. 25).

Em sua argumentação, Cecílio parte da acusação de que os cristãos são considerados ateus, mostrando as consequências práticas dessa tendência. Segundo ele, o ateísmo é altamente perigoso já que elimina por completo o temor e a reverência pelos quais a humanidade é regida. De acordo com esse crítico, do mesmo modo que o sofista Protágoras fora expulso de Abdera por negar as divindades, depois de ter seus livros queimados em praça pública, os cristãos, já que negavam as divindades romanas, deveriam ser banidos dos limites do império. Em relação às acusações das quais eram alvo os cristãos, o adversário da fé argumenta que, se não houvesse um fundo de verdade, tais acusações não seriam propagadas pelo vulgo. Mas este intelectual pagão vai além em sua refutação da doutrina cristã. Segundo ele, a conduta dos cristãos diante da ameaça de morte é absurda, uma prova da mais grotesca insensatez, uma vez que eles “desprezam os tormentos presentes enquanto temem os incertos do porvir, temem morrer depois da morte, mas não temem morrer no presente” (MINÚCIO FÉLIX, 1954, p. 25). Cecílio rechaça ainda a doutrina cristã segundo a qual o mundo seria destruído pelo fogo. Para ele, isso é totalmente contraditório, considerando a eterna providência do universo estabelecida pelas leis divinas. Mais absurda ainda é a doutrina cristã segundo a qual Deus ressuscitaria no final os corpos dos justos, ainda que os mesmos tenham sido completamente desintegrados e destruídos. Em relação a esse ponto, o oponente de

---

<sup>11</sup> Cecílio emprega os termos sacrifício e sacrilégio de forma antitética. Trata-se de uma ironia para mostrar que os cristãos, em vez de estarem oferecendo algo a Deus (sacrifício), estão roubando a divindade de sua glória (sacrilégio).

Minúcio Félix faz o seguinte questionamento: “Onde está esse Deus que pode ajudar aos que revivem, e aos que vivem não pode? Não é assim que os romanos, sem necessidade do vosso Deus, imperam e dominam sobre vós? O vosso Deus ou não pode ou não quer socorrer os seus. Logo, ou é impotente ou iníquo<sup>12</sup>” (MINÚCIO FÉLIX, 1954, p. 28). Cecílio conclui sua argumentação denunciando o comportamento antissocial cultivado pelos cristãos.

O grande ataque das fileiras intelectuais em relação à fé cristã, entretanto, foi desferido por um filósofo romano denominado Celso. A filiação filosófica desse pensador é indefinida. Provavelmente, um representante da filosofia eclética romana. Em meados do segundo século esse intelectual escreveu uma obra denominada *A doutrina verdadeira*<sup>13</sup>, na qual dirigiu um violento ataque contra a religião cristã. Infelizmente, a obra original de Celso não chegou aos nossos dias. Mesmo assim, é possível ter uma ideia de sua linha de argumentação por meios dos fragmentos que foram preservados, principalmente, por Orígenes<sup>14</sup>. Toda a argumentação de Celso é baseada em ideias pré-concebidas em relação à fé cristã. É o que pode ser comprovado no fragmento seguinte:

Em algumas casas privadas encontramos pessoas que trabalham com lã e com trapos, e como sapateiros, isto é, as pessoas mais incultas e ignorantes. Diante dos chefes de família, esta gente não se atreve a dizer uma só palavra. Mas assim que conseguem apartar-se com os meninos da casa, ou com algumas mulheres tão ignorantes como eles, começam a lhes dizer maravilhas. Que não preciso atender nem aos pais e nem aos preceptores, mas crer unicamente neles, pois aqueles são uns néscios e uns estúpidos e, preocupados que estão com vagas tolices, não fazem sem sabem algo que seja realmente bom. Eles, somente eles, são os que sabem como se deve viver, e se as crianças lhes obedecem, não só serão elas felizes, como também farão feliz a sua família (CELSO *apud* ORÍGENES, 2007).

Celso começa sua argumentação mostrando que o Cristianismo é um culto bárbaro já que tem a sua origem no Judaísmo, também considerado uma religião bárbara por este filósofo. Por conta disso, a doutrina cristã é uma clara ameaça à unidade do grande império romano, sem o qual não há salvação para a civilização. A rigor, o Judaísmo nem pode ser considerado monoteísta, já que também presta culto a anjos. Os cristãos orgulhavam-se da antiguidade de sua doutrina, uma vez que ela estava fundada na antiga lei mosaica, anterior à filosofia grega. Contra esse pressuposto, o pensador romano afirma que Moisés foi, na verdade, um plagiário da cosmogonia egípcia, um mago que, com as

<sup>12</sup> Cecílio aplica ao Cristianismo o argumento desenvolvido por Epicuro. Segundo esse filósofo: “Deus ou quer impedir os males e não pode, ou pode e não quer, ou não quer e não pode, ou quer e pode. Se quer e não pode é impotente, o que é impossível em Deus. Se pode e não quer é invejoso, o que, do mesmo modo, é contrário a Deus. Se nem quer nem pode é invejoso e impotente, portanto, sem sequer é Deus. Se pode é quer, que é a única coisa compatível com Deus, donde provem esta existência de males? Por que razão é que não os impede?”

<sup>13</sup> O título original da obra é *Αληθης λογος*. Considerando que *logos* possui uma infinidade de sentidos, há controvérsias em relação ao sentido do título. Por isso, é possível traduzir essa expressão como *Palavra verdadeira*, ou *Razão verdadeira*. Entretanto, a tradução *Doutrina verdadeira* parece melhor adequar-se ao perfil da obra. Esse título já deixa claro o tom satírico de Celso em relação ao Cristianismo, que reivindicava ser a doutrina verdadeira. Este tom sarcástico pode ser visto facilmente nos fragmentos que foram conservados dessa obra. Bader, entretanto, acredita que a doutrina verdadeira (*Αληθης λογος*) é a própria doutrina defendida por Celso, com a qual ele rivaliza a *ψευδης λογος*, a doutrina falsa dos judeus e cristãos.

<sup>14</sup> Orígenes, atendendo a um pedido de seu amigo Ambrósio, escreveu uma obra volumosa denominada *Contra-Celso*, na qual refuta as acusações de Celso à fé cristã. É a partir dessa obra que é possível conhecer o pensamento de Celso.

suas artimanhas, seduziu e enganou os judeus. De fato, ele chega a sugerir que Moisés aprendeu premeditadamente a magia com os magos egípcios para poder enganar o povo. No seu entender, todo o sistema doutrinário cristão é um empréstimo de outras religiões. A concepção virginal, por exemplo, é uma versão grotesca de mitos helênicos, a ida da alma ao céu foi tomada do Mitraísmo e os princípios morais foram copiados dos filósofos gregos.

Para Celso, a ideia de um salvador crucificado é completamente absurda. Como ele pode salvar os seus seguidores, se não fora capaz de salvar nem a si mesmo? A suposta ressurreição de Cristo é uma história criada pelos discípulos. A prova disso é a sua aparição a um número restrito de pessoas. Segundo o filósofo romano, “Se Jesus realmente quisesse demonstrar virtude divina, teria aparecido aqueles que o haviam atormentado, ao juiz que o havia condenado, e ao povo inteiro” (CELSE *apud* ORÍGENES, 2007). Para Celso, os supostos milagres operados por Jesus não provavam que ele era Deus, uma vez que há muitos relatos entre os antigos de homens que praticaram milagres<sup>15</sup> e que nem por isso deixaram de ser homens.

Celso descarta igualmente a doutrina cristã segundo a qual Deus recriará o Universo. Tal pensamento é para ele impossível, uma vez que, nas suas próprias palavras, “Deus não é um mau artífice que deixou defeituosa a sua obra, para que tenha de purificar o mundo por meio de dilúvios e conflagrações” (CELSE *apud* ORÍGENES, 2007). Em sua refutação, o filósofo romano destaca ainda várias contradições encontradas na Bíblia. Segundo ele, os cristãos afirmam que apenas os puros e limpos de coração poderão entrar no céu, mas também afirmam que qualquer que seja pecador, insensato, néscio e miserável, será aceito no reino do céu. Além disso, há contradição entre os evangelistas no que diz respeito ao anúncio da ressurreição de Cristo. Em um relato, dois anjos anunciam a ressurreição, em outro, apenas um. Dando prosseguimento em sua refutação, Celso argumenta que a atitude de destruir as leis antigamente estabelecidas é um ato de pura impiedade<sup>16</sup>. Em relação à existência do Diabo defendida pelos cristãos, o oponente da fé cristã faz a seguinte afirmação:

Outro de seus mais ímpios erros, nascido de sua grandíssima ignorância, consiste em criar um rival de Deus, o Diabo, o mesmo que em língua hebraica chamam Satanás. Tudo isso são puras imaginações mortais e que não é piedoso nem dizê-las. Com isso, o Deus máximo é reduzido à impotência (CELSE *apud* ORÍGENES).

Outra questão estranha para o filósofo romano é o fato de nem os próprios judeus terem aceitado a Jesus. Além disso, os próprios cristãos não são unânimes em relação às suas doutrinas. Eles pregam o amor ao próximo, mas, por conta de divergências doutrinárias, ofendem, odeiam e chegam até a matar uns aos outros. Celso questiona ainda o fato dos cristãos repudiarem toda representação física da divindade. Para ele, esse comportamento é extremamente contraditório em relação à encarnação de Cristo. Apesar de ser um filósofo, Celso não descarta a religião romana. Por essa razão, ele faz uma longa

---

<sup>15</sup> Celso menciona Aristeias do Peloponeso o qual, segundo se conta, tinha a capacidade de desaparecer da vista das pessoas e de prever o futuro; Hermótimo de Clazômenas, que tinha o poder de sair do corpo e vagar com sua alma por muitos lugares e Cleomedes, o qual, depois de ter sido encerrado em uma arca, escapara dela milagrosamente.

<sup>16</sup> Celso emprega a autoridade de Heródoto para apoiar esse argumento.

defesa do politeísmo. A passagem abaixo é significativa, pois é uma das poucas defesas do politeísmo encontradas na história do pensamento humano:

O que cultua vários deuses, pelo fato de honrar algo que pertence ao Grande Deus, faz também nisso obra grata a Ele. Porque se queres honrar a alguma outra coisa no Universo, ninguém pode receber honra, se não lhe é concedido por Deus. Portanto, o que adora a todos os que dele são, não pode desagradar Aquele de quem todos são. Além disso, o que, falando de Deus, afirma que só pode chamar-se senhor a um, fala impiamente, pois põe divisão e sedição no reino de Deus, como se houvesse nele bandos e pudesse levantar-se um competidor (CELSE *apud* ORÍGENES, 2007).

Celso conclui sua argumentação mostrando que é loucura dos cristãos atentarem contra a estabilidade do império e do imperador, não seguindo as tradições romanas. Isso porque, sem o império, a civilização seria destruída e nem mesmo a religião cristã seria possível.

Quando estudamos a obra dos apologistas não é difícil perceber que elas são claras repostas a questionamentos levantados por intelectuais romanos como Cecílio e Celso. Na *Petição em favor dos cristãos*, por exemplo, encontramos Atenágoras rechaçando a acusação de ateísmo dirigida aos cristãos, o suposto comportamento antissocial dos seguidores de Cristo divulgado por intelectuais como Cecílio é prontamente negado pelos apologistas. Neste sentido, Justino é categórico ao afirmar que os cristãos contribuem para uma conduta social adequada, uma vez que são defensores da ordem e vivem segundo a virtude. Contra a acusação de que a doutrina cristã era uma imitação arbitrária de outros cultos encontramos alguém como Teófilo fazendo um cuidadoso exame histórico a fim de postular a antiguidade do Cristianismo. Sobre a possibilidade de um deus sofredor, Justino traz à memória vários relatos da mitologia greco-romana de deuses que haviam sido fulminados, dececados e mortos. Tertuliano observa com muita propriedade em sua *Apologia* que os mesmos crimes e desvios morais dos quais são acusados os cristãos são cometidos pelos acusadores à luz do dia e sem que ninguém os repreve por tal conduta.

## 5 Os encantos de sofia: o cenário filosófico dos apologistas

Ainda que, na opinião de alguns historiadores, esse período represente o declínio da filosofia clássica, não há dúvida que o pensamento grego ainda continua a exercer grande influência. De fato, a filosofia da Hélade penetrou não apenas em Roma, mas em todos os limites do império, havendo, inclusive, um certo intercâmbio entre ela e o próprio Cristianismo. É precisamente este ponto que interessa a esse estudo. Werner Jaeger destaca com bastante propriedade esse contato ao afirmar em seu *Cristianismo primitivo e Paidéia grega* que “sem a cultura grega o cristianismo teria sido impossível como uma religião mundial. A pregação de Paulo no ambiente cultural helênico foi o início da cristianização do mundo grego e, por sua vez, a cultura grega terminou helenizando o cristianismo” (JAEGER, 1991, p. 16). Isso porque os primeiros cristãos – gregos e romanos – tiveram que lidar com a nova doutrina e apresentá-la aos seus contemporâneos de acordo com os padrões da sua época, ou seja, dentro do modelo da tradição cultural helênica (LANE, 1999, p. 11). Todavia, quando se fala em cultura helênica, emprega-se um conceito bastante abrangente, o que não é o foco da discussão nesse tópico. O alvo é destacar a filosofia grega e o modo como o Cristianismo dos primeiros séculos interagiu

com ela. A tarefa não parece ser fácil, uma vez que um número vasto de correntes filosóficas são provenientes da Hélade.

Dentre as correntes filosóficas oriundas da Grécia antiga que tiveram, direta ou indiretamente, contato com o Cristianismo dos primeiros séculos, três merecem ser listadas. Em primeiro lugar, pode ser destacada a filosofia aristotélica. Embora, entre as três que serão mencionadas, essa filosofia tenha sido a que menos influenciou o período patrístico, é possível encontrar os seus resquícios, inclusive, nas obras dos apologistas. Aristides, por exemplo, inicia a sua *Apologia* fazendo uma aplicação do argumento aristotélico do movimento<sup>17</sup> ao Deus cristão. Depois de falar brevemente acerca da ordem existente no mundo, ele faz a seguinte declaração: “Vendo que o mundo e tudo quanto nele há se move por necessidade, entendi que quem o move e o mantém fortemente é Deus, porque tudo o que move é mais forte do que o movido, e tudo o que mantém é mais forte do que o mantido” (ARISTIDES, 1954, p. 117).

Além da filosofia aristotélica, o Estoicismo também esteve presente na doutrina cristã nesse período. Embora a escola fundada por Zenão de Citium seja uma filosofia oriunda da Grécia, deve ser acrescentado que foi o pensamento estoico na sua versão romana que teve contato com o Cristianismo patrístico. O Estoicismo conforme as formulações de Epiteto, Sêneca, Marco Aurélio e outros. A relação entre a filosofia do pórtico e a teologia cristã foi tão intensa nesse período que chegaram a circular cartas de um autor desconhecido apresentando uma suposta correspondência entre Paulo e Sêneca (DREHER, 1993). Como a filosofia estoica teve uma forte orientação ética, não foi difícil a sua associação com o Cristianismo. A moral do pórtico baseava-se na resignação, autocontrole, justiça e prudência. Por conta disso há a acusação de que a ética cristã é produto da ética estoica. Não há dúvida que existem determinados paralelos entre a doutrina cristã e o Estoicismo, como, por exemplo, a ideia de um Deus único<sup>18</sup>, a existência de um espírito divino, um conceito tricotomista do homem<sup>19</sup> e, principalmente, uma forte ênfase na conduta ética do indivíduo. Um exemplo disso pode ser encontrado no trecho de Sêneca, a seguir:

Passemos às riquezas, principal fonte de misérias entre os homens: pois, comparando-se todos os nossos outros perigos, prazeres, doenças, temores, desgostos, sofrimentos e preocupações de toda a espécie, com os males que nascem do dinheiro, será deste lado que muito claramente penderá a balança (SÊNECA, 1973, p. 214).

Para o conhecedor da doutrina cristã, é praticamente impossível ler essas palavras de Sêneca sem lembrar das palavras do apóstolo Paulo em sua I Epístola a Timóteo, afirmando que “o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males...”. Outros exemplos ainda poderiam ser aludidos. Não obstante, a afirmação de que a ética cristã é completamente devedora da ética estoica é sobremodo pretenciosa. Em primeiro lugar, é claro que a moral cristã é muito mais devedora ao Judaísmo do que ao Estoicismo. Em segundo lugar, o amor, virtude central da ética cristã, não possui lugar de destaque da moral estoica. De fato, segundo nos diz Minoru Matsumoto (2002), para o Estoicismo helênico, o amor faz parte das paixões humanas que devem ser evitadas. Em terceiro lugar, mesmo que às

---

<sup>17</sup> A formulação original desse argumento pode ser encontrada na *Metafísica* de Aristóteles (Livro XII, cap. 8). Nesta seção o filósofo grego introduz a famosa ideia do motor-imóvel.

<sup>18</sup> Os estoicos usam frequentemente a expressão *Uno Universal* para falar de Deus. Marco Aurélio, em especial prefere a expressão *Todo*.

<sup>19</sup> O estoicismo, assim como o neoplatonismo, dividia o homem em *nous, psyche e soma* (mente, alma e corpo). Este conceito foi muito comum entre os pensadores patrísticos.

vezes possam ser encontrados paralelos entre a doutrina estoica e a cristã, há quase sempre uma distinção no que diz respeito à aplicação dessa doutrina. Um exemplo claro disso, pode ser encontrado na ideia do Deus único. Embora os filósofos do pórtico sejam defensores desse pensamento, a sua concepção é tipicamente panteísta, conclusão descartada pela doutrina cristã. Embora o princípio da resignação, fundamental para a conduta estoica também esteja presente no Cristianismo, deve ser acrescentado que no segundo caso essa resignação, em geral, não chega ao extremo da *apathéia* estoica. Não há dúvida que o contato entre o Cristianismo e o Estoicismo teve pontos positivos relevantes, como a penetração da doutrina cristã nos limites do império romano, principalmente entre as classes intelectuais. Justino, por exemplo, embora discorde de várias doutrinas estoicas, elogia a ética desse sistema filosófico. Entretanto, não pode ser esquecido que o Cristianismo monástico, asceta e eremita é um filho pós-maturo da filosofia zenoniana.

Como já foi analisado, tanto o Aristotelismo quanto o Estoicismo exerceram certa influência no cristianismo dos primeiros séculos. Porém, a grande influência desse período foi do Platonismo. Justino, depois de sua conversão à fé cristã, aplicou muitos princípios da filosofia platônica à nova fé. Cerca de três séculos mais tarde, Agostinho de Hipona seguirá esse mesmo caminho de forma ainda mais sistemática. Na verdade, o impacto do Platonismo em relação à teologia cristã foi tão forte que até hoje ele não foi suplantado por completo. Durante o período patrístico, que corresponde ao chamado helenismo tardio, o pensamento platônico era a regra e o fundador da academia era invocado constantemente como autoridade suprema nas disputas filosóficas. Até mesmo os sistemas religiosos serviam-se fartamente da doutrina platônica, principalmente da metafísica. Filon de Alexandria, por exemplo, empreendeu uma síntese entre o Platonismo e a doutrina mosaica. “De forma mais precisa, este pensador acreditava que os primeiros livros do Antigo Testamento, quando corretamente interpretados corretamente, eram alegorias que ocultavam nas suas histórias de casos humanos vulgares, verdades filosóficas essenciais” (BLACKBURN, 1997, p. 149). Os apologistas, em especial, tiveram uma relação bastante intensa com a filosofia platônica. Justino declara em sua *Apologia* que a doutrina do autor da *República* pouco diferia do Cristianismo. Na verdade, em várias passagens da obra acima mencionada, o pensador cristão recorre à autoridade do discípulo de Sócrates para fundamentar o seu pensamento. Atenágoras, defendendo os cristãos da acusação de ateísmo por pregarem a existência de um Deus único, também invoca a autoridade platônica: “Se Platão não é ateu por entender que o artífice do universo é um só Deus incriado, tão pouco o somos nós por conhecer e afirmar o Deus por cujo Verbo tudo tem sido fabricado e por cujo Espírito tudo é mantido” (ATENÁGORAS, 1954, p. 655). Taciano, discípulo de Justino, mesmo a despeito de seu baixo conceito em relação à cultura grega, demonstra a influência platônica ao defender em seu *Discurso contra os gregos* que a matéria é inferior ao corpo. Em um trecho da obra acima mencionada, percebe-se claramente que o discípulo de Justino não pôde evitar o contato com o pensamento da Academia:

Por isso, quando a alma vive sozinha, inclina-se para baixo, para a matéria, morrendo juntamente com a carne, mas formando parilha com o Espírito de Deus, já não carece de ajuda e se levanta às regiões onde o Espírito a guia. Porque a morada do Espírito está no alto, mas a origem da alma está embaixo. Originalmente, o Espírito habitava com a alma, mas ao não querer seguir-lhe o Espírito a abandonou, e ela, que conservava como um resplendor de seu poder, mas que pela separação já não era capaz de contemplar o perfeito, em



sua busca de Deus, passou a seguir multidões de demônios embusteiros (TACIANO, 1954, p. 591).

Alguém que possua um conhecimento elementar da filosofia platônica, ao ler as palavras do apologista cristão, recorda de imediato do famoso *Mito da parelha alada*, o qual Platão apresenta em seu *Fedro*. Segundo o filósofo grego, a alma racional é conduzida por dois corcéis. O primeiro corcel é atrofiado, lascivo, desobediente e arrasta a alma para o mundo sensível, o mundo material, já o segundo é justo, obediente ao cocheiro e conduz a alma para o mundo ideal. É claro que a versão de Taciano é um pouco diferente, em virtude da inclusão da doutrina da queda e do conceito monoteísta por parte do apologista. Mesmo assim, é praticamente impossível não encontrar uma relação entre os dois pensamentos.

O enlace mais indissolúvel entre Cristianismo e Platonismo foi desenvolvido pelos pensadores de Alexandria. Esta cidade egípcia era famosa não apenas por ter a maior e mais importante biblioteca da época, mas por ser um dos principais centros do Helenismo. De fato não seria exagero afirmar que Alexandria estava para a filosofia helênica do mesmo modo que Atenas estava para a filosofia clássica. De forma específica, o território alexandrino era o berço do Platonismo fora da Grécia. Essa cidade foi o palco do surgimento do chamado Platonismo judaico, por intermédio de Fílon de Alexandria. Nela também foi fundado o Neoplatonismo por Plotino. Mas Alexandria foi o cenário de outro tipo de Platonismo: o chamado Platonismo cristão. A proposta central dessa tendência era a realização de uma síntese perfeita entre as doutrinas de Platão e a doutrina cristã. Os pensadores cristãos que melhor representaram essa tendência foram Clemente de Alexandria e Orígenes, popularmente conhecidos como “pais alexandrinos”. De acordo com o primeiro listado, a filosofia teria sido uma espécie de testamento dado por Deus aos gregos. Em relação a esta questão, assim ele afirma na *Stromata*:

Antes da vinda do Senhor, a filosofia era necessária aos gregos para a justiça; agora, de outro modo, é útil para conduzir as almas no culto a Deus, pois se constitui em uma propedêutica para aqueles que alcançam a fé por meio da demonstração [...]. A filosofia é uma preparação para que o homem possa receber a perfeição por meio de Cristo [...]. Não há nada de errado no fato de que a filosofia seja um dom da divina providência, como propedêutica para a perfeição que se alcança em Cristo, contanto, que não se envergonhe da sabedoria bárbara, da qual a filosofia há de avançar para a verdade (CLEMENTE DE ALEXANDRIA, 2007).

Embora, na mesma obra, Clemente afirme que não está se referindo a uma corrente filosófica específica, é claro que ele tem como foco o pensamento platônico. De fato, ele dedica outra obra, o *Protrético*, para ressaltar aquelas verdades cristãs que já haviam sido antecipadas pela filosofia platônica. Como, por exemplo, a ocasião em que Platão afirma na *Carta VII* que “Deus está por trás de todas as coisas, sendo a causa de tudo o que é belo” (CLEMENTE DE ALEXANDRIA, 2007). Para Clemente, o fundador da Academia estaria antecipando a ideia de um Deus supremo e criador de todas as coisas, defendida pelo cristianismo. Orígenes dará prosseguimento à tradição alexandrina de conciliar o cristianismo à filosofia platônica.

A título de reiteração, a reconstrução desse cenário filosófico, ainda que de forma panorâmica e pontual, é de importância fundamental para a compreensão da obra dos apologistas cristãos. De fato, houve um intenso relacionamento de amor e ódio destes homens para com a filosofia. Aqueles que não a repudiaram expressamente nutriram por

ela uma profunda admiração. O fato é que nenhum dos apologistas foi completamente indiferente em relação à filosofia.

## 6 Considerações finais

Reafirmando o que falamos a princípio, a importância do legado dos apologistas patrísticos só pode ser percebida a partir de um estudo cuidadoso das circunstâncias históricas que a envolveram. O estudo dos aspectos religiosos e filosóficos, bem como os padrões morais e o ambiente anticristão dos primeiros séculos serve para lançar luz ao conteúdo das apologias. Sem este levantamento histórico estas obras perdem muito de sua beleza e impacto. Os argumentos empregados pelos apologistas convertem-se em meras falácias e a defesa da fé reduz-se a uma expressão de fanatismo. Além disso, sem a consideração do contexto, a retórica filosófica usada por muito apologistas parece contrariar os dogmas da fé e o leitor desavisado pode escandalizar-se com o uso de categorias e conceitos filosóficos na defesa do Cristianismo. Enfim, depois de considerar o cenário em que foram produzidas, o estudante estará melhor habilitado para extrair o sentido das apologias patrísticas.

## Referências

- ARISTIDES DE ATENAS. **Apologia**. In: *Padres apologistas*. Vol. 2 (Coleção Patrística). 3. ed. São Paulo: Paulus, 2010.
- ARISTÓTELES. **Metafísica**. Porto Alegre: Globo, 1969.
- ATENÁGORAS DE ATENAS. **Petição em favor dos cristãos e Tratado sobre a ressurreição**. In: *Padres apologistas*. Vol. 2 (Coleção Patrística). 3. ed. São Paulo: Paulus, 2010.
- BETTENSON, H. **Documentos da igreja cristã**. 2. ed. Rio de Janeiro: JUERP/ ASTE, 1983.
- BÍBLIA. Português. **A Bíblia sagrada**: Antigo e Novo Testamentos. Versão revista e atualizada de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.
- BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- BUENO, Daniel Ruiz. **Padres apologistas griegos**. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1954.
- BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia**: História de deuses e heróis. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.
- CARTA A DIOGNETO. In: *Padres apologistas*. Vol. 2 (Coleção Patrística). 3. ed. São Paulo: Paulus, 2010.
- CHAMPLIN, Russel. N. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. Vol. 2. São Paulo: Hagnos, 1991.
- CLEMENTE DE ALEXANDRIA. **Protréptico**. Disponível em <[www.primeroscristianos.com](http://www.primeroscristianos.com)> (Acessado em 30 de outubro de 2007).
- \_\_\_\_\_. **Stromata**. Disponível em <[www.primeroscristianos.com](http://www.primeroscristianos.com)> (Acessado em 30 de outubro de 2007).
- COULANGES, Fustel de. **A cidade antiga**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

- DREHER, Martin N. **A igreja no império romano** (vol. 1). São Leopoldo: Sinodal, 1993.
- ELÍADE, Mircea; COULIANO, Ion p. **Dicionário das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- EPICURO. **Antologia de textos**. (Versão para ebook). Disponível em <[www.ebooksbrasil.com](http://www.ebooksbrasil.com)> (Acessado em 22 de setembro de 2007).
- EUSÉBIO DE CESAREIA. **História eclesiástica: os quatro primeiros séculos da Igreja**. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.
- FIGUEIREDO, Fernando Antônio. **Curso de teologia patrística: 2 volumes**. Petrópolis: Vozes, 1983.
- GRANT, Michael. **History of Rome**. New York: Scribners college department, 1979.
- HAMMAN, A. **Os padres da igreja**. 3. ed. São Paulo: Edições paulinas, 1980.
- HERÁCLITO. In: **Pré-socráticos I: Fragmentos, doxografia e comentários**. 4. ed. São Paulo, Nova Cultural, 1989.
- HÉRMIAS, O FILÓSOFO. **Escárnio dos filósofos pagãos**. In: Padres apologistas. Vol. 2 (Coleção Patrística). 3. ed. São Paulo: Paulus, 2010.
- JAEGER, Werner. **Cristianismo primitivo e Paidéia grega**. Lisboa: Edições 70, 1991.
- JUSTINO DE ROMA. **I e II Apologias e Diálogo com Trifão**. Vol. 3 (Coleção Patrística). 3. ed. São Paulo: Paulus, 2010.
- LANE, Tony. **Pensamento cristão: Dos primórdios à Idade Média** (vol. 1). São Paulo: Abba Press, 1999.
- LELOUP, Jean-Yves. **Introdução aos “verdadeiros filósofos”**: os Padres gregos: um continente esquecido do pensamento ocidental. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- LIEBAERT, Jacques. **Os padres da Igreja**. Vol. 1: Séculos I-IV. São Paulo: Loyola, 2000.
- LUCIANO DE SAMOSATA. **Fragmentos**. Disponível em <<http://www.veritatis.com.br>> (Acessado em 20 de novembro de 2007).
- MATOS, Alderi de Sousa. **Fundamentos da teologia histórica**. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.
- MATSUMOTO, Minoru. **São Paulo e os problemas do paganismo: Ensaio sobre a cultura helênica em relação à pregação de São Paulo e temas polêmicos**. Belém: Universidade Federal do Pará, 2002.
- MCGRATH, Alister E. **Teologia histórica: Uma introdução à história do pensamento cristão**. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.
- MORESCHINI, Cláudio. **História da filosofia patrística**. São Paulo: Paulus, 2002.
- OLSON, Roger. **História da teologia cristã**. São Paulo: Vida, 2001.
- ORÍGENES. **Contra Celso**. Vol. 20 (Coleção Patrística). 2. ed. São Paulo: Paulus, 2004.
- PETRÔNIO, Caio. **Satíricon**. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- PLATÃO. **A república**. In: Os pensadores. São Paulo: Nova cultural, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Fédon**. In: Os pensadores. São Paulo: Nova cultural, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Fedro**. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- SÊNECA, Lucio Aneu. **A constância do sábio**. São Paulo: Escala, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Da tranquilidade da alma**. In: Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- SUETÔNIO. **A vida dos doze césares: A vida pública e privada dos maiores imperadores de Roma**. 3. ed. São Paulo: Prestígio, 2002.
- TACIANO, O SÍRIO. **Discurso contra os gregos**. In: Padres apologistas. Vol. 2 (Coleção Patrística). 3. ed. São Paulo: Paulus, 2010.

TEÓFILO DE ANTIOQUIA. **Três livros a Autólico**. In: Padres apologistas. Vol. 2 (Coleção Patrística). 3. ed. São Paulo: Paulus, 2010.

TERTULIANO. **Apologia**. Disponível em <[www.agnusdei.cjb.net](http://www.agnusdei.cjb.net)> (Acessado em 25 de outubro de 2007).